

Descaracterização da avifauna no último remanescente de Mata Atlântica de Aracaju, capital de Sergipe, Brasil

ISSN 1981-8874



André Lucas de O. Moreira¹
& Caio Graco Machado²

A Mata Atlântica abriga uma das maiores riquezas de espécies e taxas de endemismo do planeta (Ribeiro *et al.* 2009), porém é um dos ecossistemas mais ameaçados do globo e, desta forma, é considerada zona prioritária para a conservação da biodiversidade (Myers *et al.* 2000, MMA 2007).

Atividades humanas como a caça, fragmentação, perda de habitat e, mais recentemente, a urbanização, ameaçam a Mata Atlântica (Metzger 2009, Tabarelli *et al.* 2010). Cerca de 90% da área de ocupação de sua vegetação original já foram perdidas e a maior parte dos fragmentos remanescentes são menores que 50 ha (Ribeiro *et al.* 2009). No nordeste brasileiro, onde a ocupação foi iniciada logo após o descobrimento do Brasil, a Mata Atlântica apresenta o cenário mais preocupante, pois restam apenas 2% da cobertura original (Silva & Tabarelli 2000), dos quais as unidades de conservação protegem apenas 3% (Ribeiro *et al.* 2009).

Essas características prejudicam a conservação de muitas espécies que são mais sensíveis às alterações do habitat (Ribeiro *et al.* 2009) e a conservação de processos ecológicos, como a dispersão de sementes e polinização (Silva & Tabarelli 2000), o que compromete a recuperação natural de suas áreas degradadas.

No estado de Sergipe, a Mata Atlântica subsiste em pequenos fragmentos isolados por áreas urbanas e agropecuárias (Santos 2009). Estima-se que apenas 0,1% da floresta atlântica ainda exista neste estado (Gomes *et al.* 2006). Na capital, Aracaju, resta apenas um remanescente de Mata Atlântica, com 68 ha, que está inserido na Área de Proteção Ambiental Morro do Urubu estadual (APAMU) com 214 ha (Silva & Souza 2009).

Na APAMU, além de florestas e sistemas associados à Mata Atlântica, há também enclaves de cerrado e corpos d'água. A constante influência da pressão antrópica decorrente do crescimento urbano, que a descaracteriza, a ocupação irregular, o isolamento pela matriz urbana (Gomes *et al.* 2006), o acúmulo de resíduos sólidos domiciliares e a mineração (Silva & Souza 2009) são alguns dos fatores que ameaçam a conservação da APAMU.

Diante da necessidade de esforços prioritários para a conservação da Mata Atlântica do nordeste brasileiro, o objetivo deste estudo foi investigar a comunidade de aves do último remanescente



Figura 1. Vista parcial da Área de Proteção Ambiental Morro do Urubu em Aracaju, Sergipe. Foto: André L. O. Moreira.

de Mata Atlântica da capital de Sergipe, a APAMU, e descrever sua composição específica e seus grupos tróficos (Gomes *et al.* 2006, Silva & Souza 2009).

Materiais e Métodos

Área de Estudo

Este estudo foi desenvolvido na APAMU que está sob o domínio da Mata Atlântica e imersa na matriz urbana da cidade de Aracaju, Sergipe (10°52'37''S, 37°03'17''W). Esta cidade possui 570.000 habitantes distribuídos em 174,53 km² totalmente urbanizados (IBGE 2010).

O clima na região é quente e úmido, do tipo A's, segundo a classificação de Köppen, e a temperatura média anual é 26°C, com mínima de 24°C e máxima de 31°C. A precipitação média anual é 1.590 mm, sendo o período chuvoso de março a agosto e o seco, de setembro a fevereiro. A altitude média de Aracaju é de 5 m, com relevo plano (Rabelo *et al.* 2006).

Em Aracaju, a Mata Atlântica foi substituída por uma cidade planejada e a vegetação da cidade se encontra totalmente descaracterizada pela malha urbana. As áreas arborizadas que subsistiram se limitam a pequenas praças, parques arborizados e um último remanescente florestal em estágio inicial de regeneração, a APAMU (Moreira 2013).

A APAMU (Figura 1) é composta por vários ambientes, dos quais 32,6% de sua área correspondem a floresta mesófila decídua, floresta mesófila semidecídua e enclaves de cerrado (este, ocupa 11,3% dessa área), e o restante é ocupado por pastagens, pomares e lagoas sendo uma delas artificial (Chagas 2009). Nestes ambientes há o predomínio de *Syagrus coronata* (Arecaceae), *Tapirira guianensis* (Anacardiaceae), *Apeiba tibourbou* (Malvaceae), *Cecropia pachystachya* (Cecropiaceae) e *Cupania revoluta* (Sapindaceae), além de um grande número de espécies de árvores exóticas.

Métodos

Para investigar a riqueza, a composição e a frequência das aves em toda a área da APAMU foram realizadas seis amostragens, com dois dias cada, em setembro, outubro e dezembro de 2011 e de maio a julho de 2012. As amostragens ocorreram do nascer do sol às 11:00 h. Para estimar a riqueza, composição e frequência de ocorrência das espécies de aves foi utilizado o método das listas de Mackinnon (Mackinnon & Philips 1993) adaptado para listas de 10 espécies (Ribon 2010, MacLeod *et al.* 2011), considerando uma distância mínima de 50 m entre as listas para garantir a independência entre as amostras e maximizar a amostragem da APAMU (Ribon 2010). Em cada expedição, durante os trabalhos de campo, eram elaboradas 20 listas de 10 espécies, onde eram registradas as espécies de aves contatadas visualmente ou pelo reconhecimento de suas vocalizações, resultando em um esforço amostral final de 120 listas.

O registro das aves visualizadas e/ou ouvidas foi feito com o auxílio de binóculos (8x42 e 10x40), gravador digital Tascam Dr 07 Mk III e máquina fotográfica Canon Sx 40hs. A identificação das espécies ocorreu com o auxílio de guias de campo (van Perlo 2009, Sigrist 2009) e, em alguns casos, a identificação acústica foi feita por comparação com arquivos sonoros de aves (Xenocanto 2013). A classificação e a nomenclatura das espécies de aves seguiram as recomendações do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO 2011).

A frequência de ocorrência das espécies (FO) foi calculada através da equação $FO = n \times 100/N$, onde n corresponde ao número de vezes que determinada espécie ocorreu nas listas de 10 espécies e N corresponde ao total de listas produzidas (Ribon 2010).

Análise de Dados

A riqueza de espécies de aves observada na APAMU foi aferida através da contagem de espécies registradas nas listas de Mackinnon e a riqueza estimada foi calculada através da extrapolação com o uso do estimador CHAO 2 com 1000 aleatorizações (Magurran 2004) que foram realizadas no Primer (Clarke & Gorley 2006).

As aves registradas foram classificadas em grupos tróficos de acordo com informações obtidas em literatura (Motta-Jú-

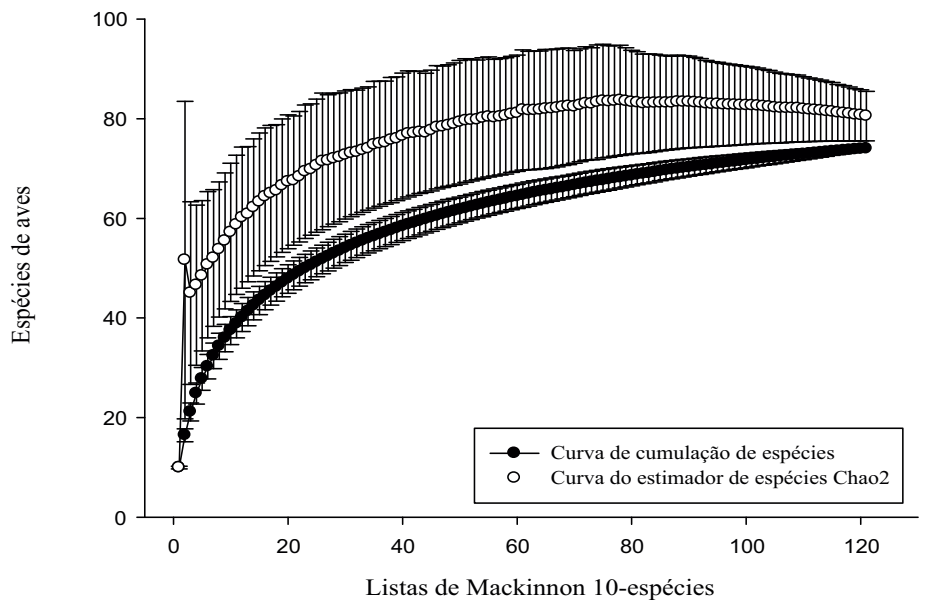


Figura 2: Curva do coletor e do estimador Chao 2 das espécies de aves estudadas na Área de Proteção Ambiental Morro do Urubu (APAMU), Aracaju, Sergipe, com base em 1000 aleatorizações. As barras correspondem aos respectivos desvios padrões. O período de campo ocorreu entre 2011 e 2012.

nior 1990, Sick 1997, Scherer *et al.* 2005, Telino-Júnior *et al.* 2005, Telles & Dias 2010, Catian *et al.* 2011). Foram considerados os seguintes agrupamentos tróficos (Scherer *et al.* 2005): carnívoro (CA), atribuído às espécies que se alimentam de vertebrados com exceção de peixes; granívoro (GR), às espécies que se alimentam principalmente de sementes; frugívoro (FR), às espécies que se alimentam principalmente de frutos; insetívoro (IN), àquelas que se alimentam principalmente de artrópodos, como aranhas e insetos; necrófago (NC), às que se alimentam principalmente de animais mortos em decomposição; nectarívoro (NE), às que se alimentam de néctar; piscívoro (PI), às espécies que se alimentam principalmente de peixes; e onívoro (ON), àquelas espécies generalistas, que utilizam uma grande variedade de alimentos.

Resultados

Foram registradas 72 espécies de aves, distribuídas em 33 famílias (Tabela 1). Entre todas as famílias, as que apresentaram maior número de espécies foram Tyrannidae (12 espécies), Thraupidae (6 espécies), Trochilidae (4 espécies) e Ardeidae (4 espécies). A curva de acúmulo de espécie indicou que mais espécies seriam encontradas na área de estudo, mas apresentou tendência a estabilização (Figura 2). De acordo com o estimador de riqueza Chao 2, ainda há quatro espécies de aves a serem registradas. Portanto, foram registradas 94% das espécies que compõem a comunidade de aves da APAMU.

As espécies mais frequentes na APAMU foram *Pitangus sulphuratus* (FO = 70,8%), *Cyclarhis gujanensis* (62,5%), *Todi-rostrum cinereum* (59,1%), *Tyrannus melancholicus* (57,5%) e *Myiozetetes similis* (52,5%). Em relação aos agrupamentos tróficos da avifauna, o grupo insetívoro foi predominante (38,3%), seguido do onívoro (20,5%) e do granívoro (12,3%). Os nectarívoros, carnívoros e frugívoros foram os grupos menos representados em espécies (Figura 3).

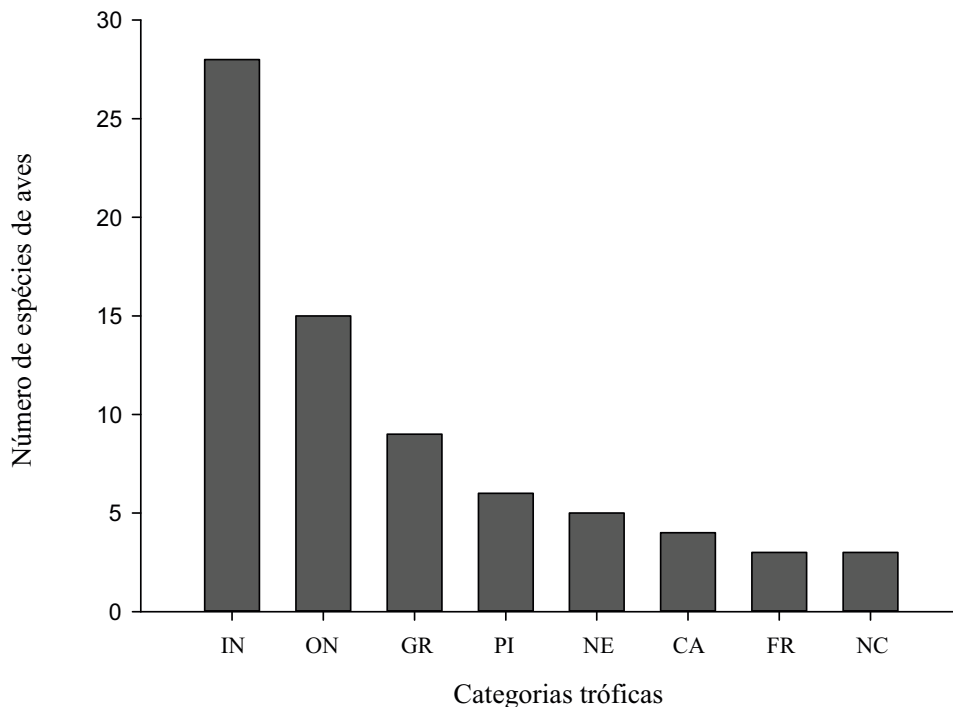


Figura 3. Composição trófica da avifauna na Área de Proteção Ambiental Morro do Urubu (APAMU), Aracaju, Sergipe. IN – insetívoros; ON – onívoros; GR – granívoros; PI – piscívoros; NE – Nectarívoros; CA – Carnívoros; FR – frugívoros; NC – necrófagos.

Discussão

Na Mata Atlântica, a maioria das aves é florestal e altamente especializada e, devido a esses fatores, raramente ocorre em outros habitats (Stotz *et al.* 1996). Ao contrário do esperado para uma área de floresta atlântica, a avifauna da APAMU é composta por espécies exclusivamente não florestais e de ampla área de ocorrência, que distribuem-se em dois ou mais biomas (BirdLife Internacional 2013). Com base nas espécies que atualmente ocorrem na APAMU pode-se concluir que o ambiente está totalmente descaracterizado.

A maioria das espécies que compõem a avifauna da APAMU indica a existência de habitats perturbados (Stotz *et al.* 1996). Além disso, algumas espécies sinântropas, ecologicamente associadas ao homem, foram registradas em altas frequências de ocorrência, como *Pitangus sulphuratus*, *Myiozetetes similis*, *Columbina talpacoti* e *Passer domesticus*. Isso demonstra que os distúrbios antrópicos atuam com grande influência na estruturação da avifauna na APAMU (Alberti 2005, Faeth *et al.* 2011), além de, provavelmente, ter provocado a redução da riqueza de espécies de aves (Chace & Walsh 2006, Simon 2007).

Os grupos tróficos registrados neste estudo também apontam para a descaracterização da avifauna. Os grupos insetívoro, onívoro e granívoro foram os mais ricos em número de espécies de aves, pois em ambientes tropicais antropizados, os insetívoros generalistas e os onívoros são as espécies de aves mais beneficiadas (Willis 1979, Chace & Walsh 2006, Catian *et al.* 2011) porque apresentam flexibilidade de forrageio e o seu alimento é disponível ao longo de todo o ano (Scherer *et al.* 2005, Chace & Walsh 2006). Os granívoros são comuns em áreas abertas e bordas de matas e também beneficiados em áreas urbanas (Chace & Walsh 2006), já que esse tipo de habitat aumenta a oferta de recursos fornecido pelas gramíneas (Telino-Júnior *et al.* 2005). Os frugívoros, assim como os nectarívoros e carnívoros foram registrados com poucos representantes e a maioria das espécies tem frequência de ocorrência muito baixa, reflexo de suas pequenas

populações. Isso aponta para um possível desequilíbrio da cadeia trófica.

A descaracterização da avifauna e provável desequilíbrio trófico devem ser resultados de diversos fatores associados a interferência antrópica como a caça, que ainda ocorre no local (obs. pess.), introdução de plantas exóticas, décadas de isolamento geográfico e genético e, sobretudo, a perda e homogeneização do habitat (Alberti 2005, Chace & Walsh 2006). Em adição, é possível também que esse padrão ocorra porque as espécies de aves que se distribuem no domínio da Mata Atlântica demonstram maior dificuldade ao se adaptarem a ambientes com configurações antrópicas (Stotz *et al.* 1996).

Diante desses fatores apresentados pela APAMU, é aconselhável a utilização de novas estratégias para a conservação, como a criação e manutenção de áreas verdes com a finalidade de aumentar a conectividade entre elas. Isso facilitaria o deslocamento das aves na matriz da cidade de Aracaju (Metzger 2009, Ribeiro *et al.*

2009, Tabarelli *et al.* 2010) de modo que a perda de espécies seja minimizada (Faeth *et al.* 2011). Além de conservar a biodiversidade, a criação de novas áreas verdes também deve ser motivada para providenciar serviços ecológicos como a melhoria da hidrologia urbana através da maior absorção de água, ajudando a evitar alagamentos, ou contaminantes, favorecer a polinização em casos onde haja agricultura em pequena escala, absorção de poluentes e carbono da atmosfera através das árvores urbanas e também favorecer o bem-estar humano (Dearborn & Kark 2010).

Agradecimentos

Agradecemos à UEFS, ao PPG Zoologia / UEFS, ao Laboratório de Ornitologia / UEFS pelo apoio e infraestrutura dispendida, a FAPESB, pela bolsa de pós-graduação concedida e aos dois revisores pelas sugestões e correções.

Referências bibliográficas

- Alberti, M. (2005) The Effects of Urban Patterns on Ecosystem Function. *International Regional Science Review* 28(2): 168–192.
- BirdLife Internacional (2013) **IUCN Red List for birds**. Disponível em: <<http://www.birdlife.org>> Acesso em: 24 de novembro de 2013.
- Catian, G., W.D. Fernandes & R. Aranda (2011) Estrutura trófica de aves diurnas no campus da Universidade Federal da Grande Dourados, MS. *Revista Brasileira de Ornitologia* 19(3): 439–446.
- Chace, J.F. & J.J. Walsh (2006) Urban effects on native avifauna: a review. *Land-use and Urban Planning* 74(1): 46–69.
- Chagas, D.C.O. (2009) **Indicadores de qualidade ambiental como subsídio ao planejamento da Área de Proteção Ambiental Morro do Urubu (Aracaju – SE)**. Dissertação de mestrado. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe.
- Clarke, K.R. & R.N. Gorley (2006) **Primer v6: User Manual/Tutorial**. Plymouth: PRIMER-E.
- CBRO – Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (2011) **Lista das aves do Brasil**. 10ª Edição. Disponível em: <<http://www.cbro.org.br>> Acesso em: 12 de novembro de 2012.
- Dearborn, D.C. & S. Kark (2010) Motivations for conserving urban biodiversity. *Conservation Biology* 24(2): 432–40.
- Faeth, S.H., C. Bang & S. Saari (2011) Urban biodiversity: patterns and mechanisms. *Annals of the New York Academy of Sciences* 1223: 69–81.

- Gomes, L.J., V. Santana & G.T. Ribeiro (2006) Unidades de Conservação no Estado de Sergipe. **Fapese** 2(1): 101–112.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010) **Censo 2010**. IBGE, Brasil. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 18 de novembro de 2011.
- Mackinnon, J. & K. Phillips (1993) **A field guide to the birds of Sumatra, Java and Bali**. Oxford: Oxford University Press.
- MacLeod, R., S.K. Herzog, A. McCormick, S.R. Ewing, R. Bryce & K.L. Evans. (2011). Rapid monitoring of species abundance for biodiversity conservation: consistency and reliability of the Mackinnon lists technique. **Biological Conservation** 144: 1374–1381.
- Magurran, A.E. (2011) **Medindo a diversidade biológica**. Curitiba: Editora UFPR.
- Manica, L.T., M. Telles & M.M. Dias (2010) Bird richness and composition in a Cerrado fragment in the State of São Paulo. **Brazilian Journal of Biology** 70(2): 243–54.
- Metzger, J.P. (2009) Conservation issues in the Brazilian Atlantic forest. **Biological Conservation** 142(6): 1138–1140.
- MMA - Ministério do Meio Ambiente (2007) **Áreas prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios da biodiversidade brasileira: atualização - portaria MMA no 09, de 23 de janeiro de 2007**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Biodiversidade e Florestas, Brasília. Série Biodiversidade, 31
- Moreira, A.L.O. (2013) **Avifauna de uma área urbana no nordeste brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana.
- Motta-Junior, J.C. (1990) Estrutura trófica e composição das avifaunas de três ambientes terrestres na região central do estado de São Paulo. **Ararajuba** 1: 65–71.
- Myers, N., R.A. Mittermeier, C.G. Mittermeier, G.A.B. Fonseca, & J. Kent (2000) Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature** 403(24): 853–858.
- Rabelo, T.K., M.F.V. Melo, C.M. Loliola & W.M. Aragão (2006) Germinação de sementes de cultivares de coqueiros. **Embrapa**: 1–4
- Ribeiro, M.C., J.P. Metzger, A.C. Martensen, F.J. Ponzoni & M.M. Hirota (2009) The Brazilian Atlantic Forest: How much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation. **Biological Conservation** 142(6): 1141–1153.
- Ribon, R. (2010) Amostragem de aves pelo método de listas de Mackinnon 33–34p. Em: Von Matter, S., F.C. Straube, I. Accordi, V. Piacentini, J.F. & Cândido-Junior (orgs.) **Ornitologia e Conservação. Ciência aplicada, técnicas de pesquisa e levantamento**. Rio de Janeiro: Thecnical Books.
- Santos, A.L.C. (2009) **Diagnóstico dos fragmentos de mata atlântica de Sergipe através de sensoriamento remoto**. Dissertação de mestrado. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe.
- Scherer, A., S.B. Scherer, L. Bugoni, L.V. Mohr, M.A. Efe, & S.M. Hartz (2005) Estrutura trófica da Avifauna em oito parques da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Ornithologia** 1(1): 25–32.
- Sick, H. (1997) **Ornitologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Sigrist, T. (2009) **Guia de campo avis brasilis - avifauna brasileira: descrição das espécies**. Vinhedo: Avisbrasilis.
- Silva, J.M.C. & M. Tabarelli (2000) Tree species impoverishment and the future flora of the Atlantic forest of northeast Brazil. **Nature** 404(6773): 72–4.
- Silva, M.S.F. & R.M. Souza (2009) O potencial fitogeográfico de Sergipe: uma abordagem a partir das unidades de conservação de uso sustentável. **Scientia Plena** 5(10): 1–11.
- Stotz, D.F., J.W. Fitzpatrick, T.A. Parker III & D.K. Moskovits (1996) **Neotropical birds: ecology and conservation**. Chicago: The University of Chicago Press.
- Tabarelli, M., A.V. Aguiar, M.C. Ribeiro, J.P. Metzger & C.A. Peres (2010) Prospects for biodiversity conservation in the Atlantic Forest: lessons from aging human-modified landscapes. **Biological Conservation** 143(10): 2328–2340.
- Telino-Júnior, W.R., M.M. Dias, S.M.A.J. Júnior, R.M. Lyra-Neves, & M.E.L. Larrázabal (2005) Estrutura trófica da avifauna na Reserva Estadual de Gurjaú, Zona da Mata Sul, Pernambuco, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia** 22(4): 962–973.
- van Perlo, B. (2009). **A Field guide to the birds of Brazil**. New York: Oxford University Press.
- Xeno-canto (2013) **xeno-canto - Compartilhando sons de aves do mundo todo**. Disponível em: <<http://www.xeno-canto.org>> Acesso em: 01 de abril de 2013.

¹Programa de Pós-Graduação em Zoologia da Universidade Estadual de Feira de Santana, BA.

andremoreirazoo@gmail.com

²Laboratório de Ornitologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA.

caigracomachado@gmail.com

Tabela 1. Espécies de aves registradas e suas respectivas frequências de ocorrência na Área de Proteção Ambiental Morro do Urubu (APAMU), Aracaju, Sergipe, Brasil, entre 2011 e 2012. Grupos tróficos: IN - Insetívoro; CA – Carnívoro; FR – Frugívoro; GR – Granívoro; NC – Necrófagos; NE – Nectarívoro; ON – Onívoro; PI – Piscívoro.

Táxon	Frequência de Ocorrência	Grupo Trófico
ANSERIFORMES		
Anatidae		
<i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758)	6,67%	ON
PELECANIFORMES		
Ardeidae		
<i>Butorides striata</i> (Linnaeus, 1758)	0,83%	PI
<i>Ardea alba</i> Linnaeus, 1758	0,83%	PI
<i>Egretta thula</i> (Molina, 1782)	3,33%	PI
<i>Egretta caerulea</i> (Linnaeus, 1758)	1,67%	PI
CATHARTIFORMES		
Cathartidae		
<i>Cathartes aura</i> (Linnaeus, 1758)	9,00%	NC
<i>Cathartes burrovianus</i> Cassin, 1845	3,33%	NC
<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793)	31,67%	NC
Accipitridae		
<i>Elanoides forficatus</i> (Linnaeus, 1758)	0,83%	IN
<i>Elanus leucurus</i> (Vieillot, 1818)	1,67%	IN
<i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin, 1788)	20,83%	CA

Táxon	Frequência de Ocorrência	Grupo Trófico
FALCONIFORMES		
Falconidae		
<i>Caracara plancus</i> (Miller, 1777)	20,00%	CA
<i>Milvago chimachima</i> (Vieillot, 1816)	5,83%	CA
GRUIFORMES		
Rallidae		
<i>Aramides cajanea</i> (Statius Muller, 1776)	3,33%	ON
CHARADRIIFORMES		
Charadriidae		
<i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1782)	2,50%	ON
COLUMBIFORMES		
Columbidae		
<i>Columbina talpacoti</i> (Temminck, 1811)	38,33%	GR
<i>Columbina squammata</i> (Lesson, 1831)	15,00%	GR
<i>Columba livia</i> Gmelin, 1789	1,67%	GR
PSITTACIFORMES		
Psittacidae		
<i>Aratinga aurea</i> (Gmelin, 1788)	32,50%	GR
<i>Forpus xanthopterygius</i> (Spix, 1824)	15,00%	GR
<i>Amazona aestiva</i> (Linnaeus, 1758)	0,83%	GR
CUCULIFORMES		
Cuculidae		
<i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758	17,50%	IN
STRIGIFORMES		
Strigidae		
<i>Glaucidium brasilianum</i> (Gmelin, 1788)	2,50%	CA
APODIFORMES		
Apodidae		
Trochilidae		
<i>Eupetomena macroura</i> (Gmelin, 1788)	5,83%	NE
<i>Anthracothorax nigricollis</i> (Vieillot, 1817)	1,67%	NE
<i>Chlorostilbon lucidus</i> (Shaw, 1812)	1,67%	NE
<i>Amazilia leucogaster</i> (Gmelin, 1788)	10,00%	NE
CORACIIFORMES		
Alcedinidae		
<i>Megasceryle torquata</i> (Linnaeus, 1766)	12,50%	PI
<i>Chloroceryle americana</i> (Gmelin, 1788)	0,83%	PI
GALBULIFORMES		
Bucconidae		
<i>Nystalus maculatus</i> (Gmelin, 1788)	10,00%	IN
PICIFORMES		
Picidae		
<i>Colaptes melanochloros</i> (Gmelin, 1788)	4,17%	IN
<i>Dryocopus lineatus</i> (Linnaeus, 1766)	1,67%	IN
PASSERIFORMES		
Thamnophilidae		
<i>Formicivora grisea</i> (Boddaert, 1783)	23,33%	IN
<i>Thamnophilus ambiguus</i> Swainson, 1825	0,83%	IN
Furnariidae		
<i>Furnarius figulus</i> (Lichtenstein, 1823)	10,00%	IN
<i>Furnarius rufus</i> (Gmelin, 1788)	12,50%	IN

Táxon	Frequência de Ocorrência	Grupo Trófico
Tityridae		
<i>Pachyramphus polychopterus</i> (Vieillot, 1818)	4,17%	IN
Rhynchoyclidae		
<i>Todirostrum cinereum</i> (Linnaeus, 1766)	59,17%	IN
Tyrannidae		
<i>Camptostoma obsoletum</i> (Temminck, 1824)	8,33%	IN
<i>Elaenia flavogaster</i> (Thunberg, 1822)	13,33%	ON
<i>Capsiempis flaveola</i> (Lichtenstein, 1823)	0,83%	IN
<i>Myiarchus ferrox</i> (Gmelin, 1789)	0,83%	ON
<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)	70,83%	ON
<i>Machetornis rixosa</i> (Vieillot, 1819)	3,33%	IN
<i>Megarynchus pitangua</i> (Linnaeus, 1766)	30,83%	IN
<i>Myiozetetes similis</i> (Spix, 1825)	52,50%	ON
<i>Tyrannus melancholicus</i> Vieillot, 1819	57,50%	IN
<i>Empidonomus varius</i> (Vieillot, 1818)	0,83%	IN
<i>Sublegatus modestus</i> (Wied, 1831)	0,83%	IN
<i>Fluvicola nengeta</i> (Linnaeus, 1766)	30,83%	IN
Vireonidae		
<i>Cyclarhis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	62,50%	IN
<i>Vireo olivaceus</i> (Linnaeus, 1766)	5,83%	IN
Corvidae		
<i>Cyanocorax cyanopogon</i> (Wied, 1821)	5,00%	ON
Hirundinidae		
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	11,67%	IN
Troglodytidae		
<i>Troglodytes musculus</i> Naumann, 1823	46,67%	IN
Poliopitilidae		
<i>Poliopitila plumbea</i> (Gmelin, 1788)	10,00%	IN
Turdidae		
<i>Turdus amaurochalinus</i> Cabanis, 1850	1,67%	FR
Mimidae		
<i>Mimus gilvus</i> (Vieillot, 1807)	2,50%	ON
Coerebidae		
<i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus, 1758)	25,83%	NE
Thraupidae		
<i>Nemosia pileata</i> (Boddaert, 1783)	6,67%	ON
<i>Tachyphonus rufus</i> (Boddaert, 1783)	0,83%	FR
<i>Tangara sayaca</i> (Linnaeus, 1766)	49,17%	ON
<i>Tangara palmarum</i> (Wied, 1823)	11,67%	ON
<i>Tangara cayana</i> (Linnaeus, 1766)	34,17%	ON
<i>Paroaria dominicana</i> (Linnaeus, 1758)	4,17%	GR
Emberizidae		
<i>Volatinia jacarina</i> (Linnaeus, 1766)	1,67%	GR
Icteridae		
<i>Icterus pyrrhopterus</i> (Vieillot, 1819)	0,83%	IN
<i>Icterus jamacaii</i> (Gmelin, 1788)	0,83%	IN
<i>Molothrus bonariensis</i> (Gmelin, 1789)	3,33%	ON
Fringillidae		
<i>Euphonia chlorotica</i> (Linnaeus, 1766)	5,00%	FR
Estrildidae		
<i>Estrilda astrild</i> (Linnaeus, 1758)	1,67%	GR
Passeridae		
<i>Passer domesticus</i> (Linnaeus, 1758)	22,50%	ON